

Setor espera liderança do governo brasileiro na COP-15

Por Thaís Mattos

O setor de celulose e papel espera do governo brasileiro uma atitude de liderança nas negociações da 15ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), conferência que definirá políticas climáticas globais para os próximos anos. Em Copenhague, capital da Dinamarca, representantes de cerca de 200 países estarão reunidos em dezembro com o objetivo de negociar propostas para a redução global das emissões de gases geradores de efeito estufa e, também, definir a contribuição de cada país para isso, uma vez que as alterações climáticas afetam todo o planeta.

“O Brasil deve assumir um papel de liderança madura nessas negociações, em consonância com a sua crescente importância no cenário econômico mundial. O País tem experiências e um enorme potencial no setor de celulose e papel e em outros setores, como o de biocombustíveis”, afirma Carlos Aguiar, presidente da Fibria, empresa formada pela recente fusão da Votorantim Celulose e Papel com a Aracruz. A opinião é compartilhada por Fernando Fonseca, presidente da Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra) e da Associação Brasileira de Florestas Plantadas (Abraf): “Espero que o Brasil deixe de ser espectador e assuma a condição de indutor desse processo, influenciando as decisões dos organismos internacionais”, diz.

Trata-se de uma tarefa difícil para o governo brasileiro, pois o País é percebido pela comunidade internacional como um dos maiores poluentes do mundo. Isso se deve à sua condição de nação em desenvolvimento, em que os processos de



DIVULGAÇÃO VERACEL

Os 6,7 milhões de hectares de florestas plantadas do setor de celulose e papel e de outras atividades econômicas absorvem grandes volumes de dióxido de carbono da atmosfera, colaborando para mitigar os efeitos do aquecimento global

industrialização e a atividade econômica são intensos, como é o caso da China e da Índia. “A COP-15 também oferece uma oportunidade rara de o País mostrar ao mundo que está crescendo e assim pode continuar por meio de um modelo de baixa emissão de carbono”, completa o diretor-geral da Klabin, Reinoldo Poernbacher.

Dessa forma, será fundamental mostrar que a diferença brasileira em relação a esses emergentes está na sua matriz energética – uma das mais limpas do mundo, com mais de 40% do conteúdo originado em fontes renováveis. Além disso, as florestas são outro ponto a destacar. Os 6,7 milhões de hectares de florestas plantadas do setor de celulose e papel e de outras atividades econômicas absorvem grandes volumes de dióxido de carbono da atmosfera, colaborando para mitigar os efeitos do aquecimento global. Esses diferenciais, entre outros, valorizam o Brasil nas negociações.

O telhado de vidro fica por conta da taxa de desmatamento da Amazônia, que, apesar de registrar queda nos últimos meses, ainda está muito elevada. “A imagem que prevalece e precisa ser desfeita é a de um país emissor de poluentes, o que acaba incluindo o

Brasil entre os vilões do aquecimento global”, afirma Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa).

Há uma forte cobrança para que o governo brasileiro apresente medidas concretas para solucionar o problema do desmatamento, e o próprio Ministério de Relações Exteriores tem confirmado que apresentará uma proposta em Copenhague, desde que os países que mais emitem também assumam compromissos. “O Plano Nacional de Mudanças Climáticas já vem estabelecendo metas – o que é muito salutar –, mas o Brasil não pode fazer isso sozinho, já que os custos são altos e os benefícios valem para todo o planeta”, diz Aguiar. Para ele, é preciso que as demais economias ajudem o Brasil e os outros países detentores de florestas tropicais no combate ao aquecimento global. “A implementação rápida e eficaz de vários instrumentos, como o da Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD), é de grande importância, mas continua um tema bastante aberto e que provoca muita polêmica”, comenta Aguiar.

Outra questão refere-se às barreiras que, até agora, impedem a comerciali-

zação de créditos florestais no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) para os países da União Europeia que não reconhecem como elegíveis os créditos de carbono gerados pela absorção das florestas, sejam nativas ou plantadas.

Como justificativa, argumenta-se que, como as florestas estão suscetíveis a eventos da natureza – tais como tempestades, queimadas e nevascas, entre outros –, não podem ser consideradas sumidouros permanentes de gases de efeito estufa. A partir desse critério, o Protocolo de Kyoto não reconhece os benefícios das florestas para o clima e, conseqüentemente, não favorece países que investiram em projetos de desenvolvimento limpo desse tipo.

Até hoje tem sido assim. O Protocolo – no qual foi criado o MDL – deve ser revisto posteriormente à COP-15. No caso de mudanças no mecanismo, o setor de celulose e papel terá grandes oportunidades. O presidente da Fibria é otimista quanto à negociação: “Minha expectativa é de que o alcance do MDL seja ampliado”, afirma Aguiar. “Entendemos que, em um primeiro momento, pudesse haver uma justificativa para a União Europeia restringir os créditos florestais, mas com a organização dos mecanismos no pós-Kyoto, o MDL será amplo e menos restrito, para que a comercialização possa ocorrer e contribuir com as diferentes iniciativas na compensação e na redução das emissões. O desafio que temos pela frente é tão grande que, para termos sucesso, precisaremos lançar mão de todos os instrumentos disponíveis, dos regulatórios aos de mercado. O MDL é um dos mais importantes”, acrescenta Aguiar.

Segundo Fernando Fonseca, a expectativa é de que as florestas plantadas sejam promovidas positivamente na negociação: “Com essa participação, mostraremos ao mundo as condições de produção sustentável das empresas do setor de celulose e papel”, diz. “As florestas plantadas do setor no Brasil são as mais produtivas e sustentáveis do mundo, pois absorvem cerca de 63 milhões de

toneladas de carbono por ano”, confirma Elizabeth com os dados da Bracelpa.

Poernbacher concorda com a afirmação de que o setor tem qualificação para participar das negociações da COP-15 oferecendo soluções efetivas para conter os efeitos das alterações climáticas: “De fato, a floresta plantada sequestra carbono de forma permanente, até a formação de seu estoque dinâmico”, diz. Menos otimista, porém, ele não acredita que a floresta plantada dedicada a setores competitivos seja incluída no âmbito do MDL. “Poderá ser aceita, por exemplo, na produção de combustíveis líquidos, enquanto não existir tecnologia competitiva para tal”, diz.

“Sabemos que esse desafio é enorme. Por isso, o setor marcará presença em todos os dias da COP-15, acompanhando as negociações do governo brasileiro e mostrando aos participantes os benefícios das florestas plantadas”, reforça Elizabeth de Carvalhaes.

Para os executivos, é preciso avaliar também os riscos presentes na negociação. “A fixação de metas de redução de emissões ‘pela média’ poderia limitar nosso crescimento, uma vez que o setor, no Brasil, já avançou bastante e tem baixos níveis de emissão”, ressalta o diretor-geral da Klabin. Para ele, a tecnologia envolvida no plantio, no manejo e na colheita de florestas nas regiões tropicais e adjacentes não é bem compreendida nos países desenvolvidos. “Isso pode levar a restrições prejudiciais ao setor”, completa.

Segundo Aguiar, é inevitável o surgimento de uma nova economia baseada nas questões climáticas: “Haverá vencedores e perdedores, como em qualquer transformação econômica de vulto”, diz. “Nesse aspecto, o setor de celulose e papel tem diante de si a oportunidade de assegurar uma posição de destaque nesta nova economia, já que lida com recursos naturais renováveis, que absorvem e reciclam o carbono. A questão principal está em posicionar-se solidária e construtivamente ao lado dos diversos segmentos sociais a favor de soluções para um problema que afetará toda a humanidade”, conclui. ▲

ALTA PERFORMANCE E MAIOR PRODUTIVIDADE PARA O SETOR DE PAPEL E CELULOSE.



LINHA DE PRODUTOS

Bucha de Fixação, Bucha de Desmontagem,
Bucha Hidráulica, Porca de Fixação,
Arruela de Trava, Porca de Precisão.

FERRAMENTAS

Porca Hidráulica HMVE,
Chave de Gancho-HN.

Fabricação da Linha Completa
(Normalizada e Especial),
Entrega Rápida, Estoque Completo,
Preços Competitivos.

BGL

BERTOLOTO & GROTTA
BUCHAS PARA ROLAMENTOS

ISO 9001:2000

Consulte-nos para indicarmos
o distribuidor mais próximo.

19 3451-8210 | www.bgl.com.br